

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**CAROLINA FARIAS FELICIANO
MÁRCIA MARIA FERREIRA DOS SANTOS**

**A INTERAÇÃO COM OS ALUNOS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS EM
TEMPOS DA PANDEMIA DO COVID-19.**

Rio de Janeiro

2022.2

A INTERAÇÃO COM OS ALUNOS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS EM TEMPOS DA PANDEMIA DO COVID-19.

INTERACTION WITH STUDENTS OF MUNICIPAL SCHOOLS IN TIME OF THE COVID-19 PANDEMIC.

Carolina Farias Feliciano

Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José

Márcia Maria Ferreira dos Santos

Prof. Me. em Educação pela UERJ

RESUMO

A interação com os alunos das escolas municipais em tempos da pandemia do Covid-19 trouxe desafios ainda maiores à educação, a qual mostrou-se ainda mais fragilizada. Alguns professores foram obrigados a mudar sua prática pedagógica e com isso se reinventarem, entretanto com a utilização da tecnologia na intervenção pedagógica muitos alunos não conseguiram acompanhar pois muitas famílias não têm acesso as ferramentas digitais e à rede de internet. O objetivo central do trabalho foi identificar estratégias de interação entre professores e alunos da escola pública a fim de entender se foi possível minimizar os danos à educação e os objetivos específicos foram: descrever a vivência escolar no período da pandemia, mapear as dificuldades encontradas por alunos e professores para o restabelecimento da interação pedagógica e identificar estratégias para a superação das dificuldades encontradas a fim de estabelecer a ligação com a escola e os alunos. Propõe-se, então, uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas a professores e responsáveis de uma escola pública municipal localizada no bairro de, Padre Miguel, no município do Rio de Janeiro para verificar todas essas questões. E compreender se mesmo com todas as dificuldades que discentes e docentes encontraram naquele período, ainda assim foi possível manter esse elo e tentar amenizar os danos de uma educação vulnerável. Sob essa perspectiva é notório perceber que o relacionamento entre professores e estudantes ficou prejudicado pelo distanciamento social e falta de políticas públicas, por exemplo: prover acesso à internet e dar ferramentas digitais a todos os alunos para que pudessem acompanhar as aulas e assim continuar com os estudos.

Palavras-chave: Interação, alunos e professores e educação na pandemia

ABSTRACT

The interaction with students from municipal schools in times of the Covid-19 pandemic brought even greater challenges to education, which proved to be even more fragile. Some teachers were forced to change their pedagogical practice and thus reinvent themselves, however with the use of technology in pedagogical intervention, many students were unable to keep up because many families do not have access to digital tools and the internet network. The main objective of the work was to identify interaction strategies between teachers and public school students in order to understand if it was possible to minimize damage to education and the specific objectives were: to describe the school experience during the pandemic period, to map the difficulties encountered by students and teachers to reestablish pedagogical interaction and identify strategies to overcome the difficulties encountered in order to establish a connection with the school and students. Therefore, an exploratory bibliographic research is

proposed, using interviews with teachers and guardians of a municipal public school located in the neighborhood of, Padre Miguel, in the city of Rio de Janeiro as a data collection instrument, in order to verify all these questions. And understand whether even with all the difficulties that students and teachers encountered in that period, it was still possible to maintain this link and try to alleviate the damage of a vulnerable education. From this perspective, it is notorious to realize that the relationship between teachers and students was hampered by social distancing and lack of public policies on how to provide internet access and give digital tools to all students so that they could follow classes and thus continue with their studies.

Keywords: interaction, students and teachers, education in the pandemic.

INTRODUÇÃO

Em tempos em que as escolas precisaram ficar fechadas devido à pandemia do Covid-19, alguns professores se viram obrigados a mudar sua prática pedagógica e se reinventar. A utilização da tecnologia na intervenção foi, acima de tudo, um desafio. Naquele momento, a vantagem era conseguir estar bem perto daqueles que estavam fisicamente longe da escola. Entretanto, um grande problema se instaurou: como ficaram àqueles que não possuíam acesso as ferramentas digitais?

Com o objetivo de garantir um melhor aprendizado aos alunos e capacitar os professores das escolas municipais, é preciso estabelecer como prioridade das políticas públicas, investir em educação para alcançar todos os alunos, principalmente, àqueles que não têm acesso as ferramentas e instrumentos digitais, como por exemplo, computador, tablet, celular, além da própria rede de internet. Se faz necessário identificar estratégias de interação com os alunos da escola pública e entender como ficou a vivência escolar no período da pandemia e, com isso, mapear as dificuldades encontradas tanto por alunos como pelos professores e, então, desenvolver a melhor maneira de voltar a interagir pedagogicamente, pois ficou evidenciado o quão fragilizada ficou a educação pública, uma vez que não foram oferecidas políticas públicas que alcançassem todos os alunos da rede municipal e, principalmente, os mais necessitados. E, mesmo àqueles que possuíam, não tinham a sua disposição instrumentos para acessar as aulas e fazer pesquisas.

A educação é um dos pilares para uma sociedade mais justa e evoluída e, ao incentivar essa área, o país se torna mais desenvolvido e, com isso, há a possibilidade de trazer mais oportunidades para todos, reduzindo as desigualdades.

Desse modo, a questão problema deste artigo é tentar entender como os alunos das escolas municipais do Rio de Janeiro fizeram para continuar o aprendizado com as aulas presenciais suspensas, visto que muitos alunos não têm acesso à rede de internet e as ferramentas digitais. Janone (2021) destacou que,

Segundo pesquisa, 93% das escolas públicas sofreram com a falta de tecnologia na pandemia, esse número representa unidades de rede de ensino, que engloba as escolas municipais, estaduais e federais do país. Os dados são da pesquisa divulgada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), entidade ligada ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI). Todas essas instituições públicas de ensino apontam a falta de dispositivos tecnológicos – computadores e celulares – como o principal impeditivo para a realização das aulas online durante a crise sanitária. A falta de acesso à internet também foi citada pela mesma quantidade de escolas. No Brasil, um dos grandes desafios para a continuidade do ensino na pandemia foi a desigualdade de acesso a dispositivos e a internet pela população brasileira nos domicílios. Neste sentido, os dados da pesquisa indicam que, embora 83% dos domicílios tivessem acesso à internet, quase metade destes não disponham de computador em casa e 16% não tinham nem computador nem internet, destaca um trecho da pesquisa.

O objetivo geral desse estudo foi identificar estratégias de interação entre professores e alunos da escola pública em tempos de pandemia. E, como objetivos específicos, descrever a vivência escolar no período da pandemia; mapear as dificuldades encontradas por alunos e professores para o restabelecimento da interação pedagógica e identificar estratégias para a superação das dificuldades encontradas a fim de estabelecer a ligação entre a escola e os alunos.

Sendo assim, a hipótese a ser defendida é que, mesmo com toda a dificuldade que alunos e professores encontraram naquele período, ainda assim foi possível manter esse elo e tentar minimizar os danos de uma educação ainda mais fragilizada pela consequência e falta de políticas públicas nessa área, a fim de ajudar àqueles que mais precisavam do auxílio para continuar com o aprendizado mesmo longe da escola fisicamente.

Utilizamos como metodologia, uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas a professores e responsáveis de uma escola pública situada no bairro de Padre Miguel, no município do Rio de Janeiro, foram feitas sete perguntas para os professores da rede pública municipal que, naquele período, estiveram atuando na educação e oito perguntas para os responsáveis com a

finalidade de compreender melhor como foi a interação dos alunos e professores (GIL, 2002).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Palangana (2015, p.138), “O processo de apropriação do conhecimento se dá, segundo a teoria Vigotskiana, no decurso do desenvolvimento de relações reais, efetivas, do sujeito com o mundo”. Há muito tempo, essa foi a afirmação de Vigotski e com as escolas fechadas, como conseguir interagir com TODOS os alunos para que se dê continuidade ao processo de aprendizagem, visto que muitos alunos não tiveram condição de acompanhar as aulas e, por consequência, houve uma perda, tanto para os alunos e professores, os quais não poderiam mais andar entre as cadeiras e observar os rostos para ver quem estava com dúvida, e também não poderia sentar ao lado daquele aluno que não entendeu a explicação e essa troca que tão importante não aconteceria naquele momento.

Palangana (2015) faz uma análise dos processos de aprendizagem e desenvolvimento do olhar de Jean Piaget e Vygotsky, enfatizando a importância da interação social para desenvolver/aprender habilidades.

Como cita Palangana (2015, p. 120), “Nesse sentido, a essência do homem é sua prática social, sua criação, isto é, a construção dos instrumentos por meio dos quais ele interage com a natureza, desencadeando um processo mútuo de transformação”. A interação com seus pares cria e estimula saberes e aprendizados e com isso vai construindo o indivíduo que deseja ser.

Palangana (2015, p. 102) escreveu que,

Vygotsky observou que, a partir das estruturas orgânicas elementares, determinadas basicamente pela maturação, formam-se novas e mais complexas funções mentais, dependendo da natureza das experiências sociais às quais as crianças são expostas. Os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida. Aos poucos, o desenvolvimento do pensamento e o comportamento da criança passam a ser orientados pelas interações que ela estabelece com pessoas mais experientes.

Sendo assim, percebemos que, tanto as trocas quanto as interações, são processos fundamentais para o aprendizado das crianças e seus pares como os professores e os funcionários de uma maneira geral, pois todos são educadores. Ter uma rotina escolar cria hábitos que podem ser levados ao longo da vida do estudante.

De acordo com Palangana (2015, p.103), “Na perspectiva Vigotskiana, as funções complexas do pensamento seriam formadas principalmente pelas trocas sociais e, nessa interação, o fator de maior peso é a linguagem, ou seja, a comunicação entre os homens”. Quanto ao distanciamento e a troca para os alunos das escolas municipais, ficou prejudicada devido a fatores como internet, smartphone, acesso a ferramentas digitais para ser possível ter trocas de experiências e vivências e, com isso, não sendo possível dar continuidade ao desenvolvimento, então com isso teremos futuramente um prejuízo na educação.

Palangana (2015, p. 136) afirma que,

(...) a capacidade de duas crianças que aparentam ter o mesmo nível de desenvolvimento real pode variar bastante onde considerar aspectos de desenvolvimento que ainda estão por se completar para que possam efetuar aprendizagens características do próximo estágio. Vigotski entendeu que as diferenças quanto à capacidade de desenvolvimento potencial das crianças devem-se, em grande parte, às diferenças qualitativas do ambiente social em que vivem. A diversidade nas condições sociais promove aprendizagens tem diversas que, por sua vez, ativam diferentes processos de desenvolvimento.

Desse modo, quando temos duas crianças que estudam na mesma escola, porém uma delas tem um local apropriado para estudar, acesso à rede de internet, smartphone e é estimulada a ler, tendo livros em sua casa e a outra criança não tem essa estrutura, elas se desenvolverão de maneira distinta, porém, mesmo em condições adversas, todas têm capacidade de aprender.

E conforme Vilas-Boas (2021); Buzoni (2021) e Carneiro (2021), a pandemia do Covid-19 trouxe uma nova realidade que intimida a todos com as novas regras de distanciamento físico e (re)lembra que hábitos tão corriqueiros como, por exemplo, abraçar, que está sendo negado para o bem da própria vida. Entretanto, provoca mudanças não só de comportamento, mas em relação a educação, foi necessário aprender novas maneiras de dar uma aula mais dinâmica, interessante, sem estar na

sala de aula presencialmente, criando estratégias pedagógicas inovadoras, tendo em vista que as aulas remotas foram realidade naquele momento.

Segundo Vilas-Boas (2021); Buzoni (2021) e Carneiro (2021, p.29):

O isolamento e o distanciamento reforçam a exclusão e as injustiças sociais, como também os conflitos e violência por conta dos processos psicossociais, levando a outros problemas de saúde. O confinamento, o tempo todo em casa, a falta da merenda, a distância dos colegas e professores, além das dificuldades de relação com a família, e até a falta de espaço em casa faz com que as crianças e adolescentes tenham vida passiva e inativa. Isto impacta a saúde mental dos alunos, professores e da família.

O isolamento não atrapalhou somente a economia e a educação, foi muito além disso, uma vez que também abalou o psicológico de inúmeras pessoas, trazendo, assim, transtornos mentais, pois ainda tinha como agravante o medo do vírus que estava matando muitas pessoas, independentemente da classe social.

Como citam Vilas-Boas (2021); Buzoni (2021) e Carneiro (2021, p.47), “As desigualdades em relação ao acesso às TICs dentro e fora da escola vai promover fosso ainda maior no que concerne aí direito fundamental de educação de qualidade à população brasileira”. Pois serão privilegiados os alunos com mais recursos financeiros em relação a ter acesso as ferramentas digitais e, desse modo, avançar no aprendizado, entretanto, o abismo aumenta para àqueles que não têm condições de acompanhar as aulas, evidenciando, assim, a desigualdade na educação, em meio ao caos que a pandemia gerou, ou seja, um problema de saúde que afetou vários setores e milhares de pessoas no mundo todo.

Conforme Cardoso, Ferreira e Barbosa (2020 *apud* VILAS-BOAS; BUZONI e CARNEIRO, 2021, p. 91)

Percebe-se que os problemas encontrados no ensino presencial são transportados e ampliados ainda mais por problemas remotos, como dificuldade de foco para assistir às aulas, conexão e o interesse, a motivação para efetiva participação. Isso terá grande impacto a curto e longo prazo. É possível que com o processo pandêmico, teremos evasão escolar ainda maior, sem falar na “defasagem de desempenho, reprovação e baixa autoestima dos alunos, necessitando de equipes multidisciplinares e interdisciplinares para atender às demandas provenientes da pandemia, no setor educacional.

Com os fatores acima citados, nota-se que criaram dificuldades para que os alunos conseguissem manter os estudos em dia e, trazendo à tona, o quanto a educação sofreu e ainda sofre devido à pandemia, podendo até questionar essa relação de tecnologia x

alunos das escolas públicas que deveriam ser aliadas nesse momento e acabaram ficando distante de muitos estudantes.

De acordo com Vilas-Boas (2021); Buzoni (2021) e Carneiro (2021, p. 45):

Nosso debate vai além do que seja a Covid-19 e como surgiu. Queremos refletir sobre os processos de vida que as pessoas tiveram que mudar, e como todo esse processo pandêmico com suas nuances, as mais singulares impactaram a educação, no nosso país. Confronta entre o estilo tradicional de educação e as inovações e estratégias que emergiram drasticamente.

Todos foram pegos de surpresa, ninguém estava preparado para mudar o jeito que se ensina e que se aprende. Mudar a forma de dar aula presencialmente para online foi uma ruptura radical, pois mesmo com tantas tecnologias, nem todas estavam à disposição de alunos. Professores também tiveram um desafio enorme de lidar com as ferramentas digitais e não ter a proximidade do aluno como na sala de aula.

Para Cirfunes-Faurs (2020 apud VILAS-BOAS; BUZONI e CARNEIRO, 2021, p. 87),

Haverá diferenças enormes entre as famílias em confinamento. Nem todas conseguem colaborar com seus filhos na aprendizagem, como falta de tempo de estar com eles nas tarefas escolares, outros pais estão em trabalho home office, outros continuam trabalhando externamente, deixando-os sozinhos em casa, outros, ainda não sabem como ensinar pois não conheceu determinados conteúdos e metodologias quando estudantes. Essa situação, com certeza que provoca desigualdades na aprendizagem deles e na educação como um todo no desenvolvimento do aluno.

A relação da família também foi afetada, visto que o acompanhamento das atividades/tarefas não está sendo feito e, com isso, não há contribuição no desenvolvimento integral dos alunos porque a família e a escola caminham juntas.

DESENVOLVIMENTO.

Identifica-se como fator de suma importância para a educação, a implementação de políticas públicas e, ainda mais em tempos da pandemia do Covid-19, visando manter o equilíbrio da aprendizagem.

O artigo em questão tem como objetivo fazer uma reflexão sobre como os alunos das escolas públicas ficaram com o advento da pandemia do Covid-19, pois muitos não tiveram acesso às ferramentas digitais e outras dificuldades para dar continuidade aos estudos. A pandemia revelou que ainda é difícil “equilibrar” instrumentos digitais e alunos das escolas públicas com a finalidade de que o processo de aprendizagem seja igual a todos, sejam alunos de escolas públicas ou privadas. É notório que sempre houve desigualdades, entretanto todos tinham acesso e foi evidenciado que muitos alunos não tiveram como acompanhar as aulas, demonstrando um período de fracasso na educação.

E com a chegada do Covid-19 no Brasil, não houve escolha e foi preciso fechar as escolas para resguardar vidas. Entretanto, a tecnologia, mais do que nunca, estava a nosso favor para que o mundo não parasse totalmente, visto que o distanciamento foi uma das saídas para que o vírus não se propagasse e não houvesse mais mortes. Se, por “hora”, ficou resolvido o problema do vírus, agora tínhamos outra dificuldade, como fazer para dar continuidade aos estudos dos alunos das escolas públicas, dado que muitos não têm acesso à rede de internet e nem aos instrumentos digitais, recursos esses que fariam o elo entre professores e alunos. Percebe-se, então, uma “falha” a qual seria preciso resolver para que a educação desses alunos, que é um direito de todos, conferido na Constituição de 1998, artigo 205 que diz que: “ A educação, direito de todos e dever do Estado e da família , será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho“.

Dessa forma, outro ponto que também ficou prejudicado, foi a interação entre professores, alunos e seus pares, nesse caso, o elo que poderia ajudar, fez com que afastasse ainda mais, tanto docentes quanto discentes. Tendo em vista que, a interação com seus pares é essencial, porque estimula a aprendizagem e desenvolve as habilidades de comunicação, o relacionamento interpessoal, a responsabilidade, a empatia, a colaboração, a autoconfiança e outros valores e com isso constroem seus conhecimentos e transformando-se em cidadãos críticos.

Para comprovação da questão problema desse artigo, a pesquisadora realizou uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas a responsáveis e professores de uma escola pública municipal

localizada no bairro de Padre Miguel, no município do Rio de Janeiro, a fim de compreender melhor como ficou a situação da educação nesses tempos difíceis e foram feitas sete perguntas para os professores e oito perguntas aos responsáveis, com a intenção de entender melhor a dinâmica de como ficou a participação dos alunos das aulas *online* e, quanto ao aprendizado, verificar se foi possível alcançar todos os estudantes.

Sobre as perguntas, quando se pergunta aos responsáveis qual foi a maior dificuldade para que seu(s) filho(s) pudesse(m) acompanhar as aulas *online*, os responsáveis 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 responderam ter sido o acesso à Internet; já o responsável 3 respondeu ter sido a falta de atenção. Evidenciando, assim, nesse grupo, que o acesso à rede de internet ainda é uma das grandes dificuldades para a constância dos estudos dos alunos e com isso, ocorreu a defasagem na aprendizagem.

Na segunda pergunta buscou-se investigar se tiveram acesso as ferramentas digitais para que seu(s) filho(s) pudesse(m) acompanhar as aulas *online*. Os responsáveis 1, 2, 4, 5, 7, 8 e 9 responderam que não. O responsável 3 respondeu que sim. E o responsável 6 respondeu que sim, “Mas ao invés de estudar ficava jogando” (sic). Essa realidade foi um dos pontos negativos para a educação, quando se precisava acessar um conteúdo/atividade/tarefa e não ter os instrumentos necessários para fazer uso traz um impacto muito além do que esperado, uma vez que as consequências serão percebidas futuramente tanto pelos alunos quanto pelos professores.

Na terceira pergunta, investigou-se se seu(s) filho(s) teve(tiveram) dificuldades em alguma(s) disciplina(s), qual/quais e por quê. Os responsáveis 1, 2, 3, 7 e 9 responderam que sim e as disciplinas Matemática e Português foram as mais citadas, além de dificuldade com o processo de Alfabetização e Leitura. Os responsáveis 4, 5 e 8 responderam que não. Nota-se então que Português e Matemática foram as matérias que os alunos desse grupo tiveram mais dificuldades.

E quando questionados se seu(s) filho(s) tem(têm) local adequado para assistir às aulas, fazer as atividades e estudar quando é necessário. O responsável 1 respondeu que não. Já os responsáveis 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 responderam que sim, sendo um ponto positivo para o aluno, pois ajuda e facilita a aprendizagem.

Agora veremos o questionário dos professores. Sobre a formação, todos tem nível superior e quando perguntado quanto tempo de magistério, quatro possuem, até dez anos. Três até vinte anos e um até 30 anos.

Quando questionados se a escola deu algum tipo de suporte/ajuda para que desenvolvesse seu trabalho *online*. Os professores 1 e 2 responderam que sim. O professor 3 respondeu que não teve apoio técnico; os professores 4 e 5 responderam que sim, através das atividades que eram postadas na rede social Facebook. O professor 6 respondeu que não. Já o professor 7 respondeu que: "a prefeitura deu somente um suporte via aplicativo para publicarmos as atividades *online*"(sic); e o professor 8 respondeu que: " No período da pandemia eu estava no cargo da coordenação e enviei todo material recebido aos professores, tentando dar suporte as dificuldades deles" (sic). O Facebook, por ser uma rede social muito conhecida e que muitos têm acesso, muitos trabalhos/atividades foram colocados lá para que os alunos pudessem acompanhar as aulas sendo então a "ponte" entre professores e alunos, outras escolas fizeram outras dinâmicas para alcançar o aluno.

Quando questionados se tiveram algum retorno dos alunos e responsáveis sobre os trabalhos/atividades passadas, o professor 1 respondeu que não; os professores 2, 4, 5, 7 e 8 responderam que tiveram pouco retorno e o professor 3 respondeu que: "Inicialmente, sim. Depois os responsáveis que enviavam as atividades deixaram de fazê-lo" (sic). Já o professor 6 respondeu que: "Dentre turmas de 35 alunos, os que retornavam as atividades eram 2 ou 3 alunos por turma" (sic).

Percebe-se, então, que houve pouco retorno dos alunos e responsáveis em relação aos trabalhos/atividades passadas, dificultando, ainda mais, a percepção dos professores quanto a aprendizagem do aluno e suas dificuldades.

E quanto a pergunta sobre a maior dificuldade na transição das aulas presenciais para *online*, o professor 1 destacou a participação do discente e de seus responsáveis. O professor 2 respondeu a falta de acesso via computador e celulares por parte dos alunos. O professor 3 destacou a de interação das famílias. O professor 4 respondeu que o contato direto com os alunos para a verificação das atividades foi um elemento dificultador. O professor 5 relatou que a falta de recursos financeiros e tecnológicos dos alunos dificultou o processo, "pois a maioria das famílias não tinha celular ou tinha um

celular para vários filhos e trabalho secular” (sic). Já o professor 6 respondeu que foi a “Adaptação a tecnologia. Fazer vídeos rápidos com os conteúdos e ainda “comprimi-los” para que fossem postados de forma acessível para todos” (sic). E o professor 8 respondeu que, “A falta de recursos dos responsáveis” (sic). Fica claro que, mesmo com toda dificuldade tecnológica dos professores, ainda houve o obstáculo do acesso dos alunos nas atividades/tarefas/trabalhos para ter uma troca do que estavam aprendendo e se estavam conseguindo avançar no conteúdo, visto que a participação dos discentes é a parte mais importante desse processo, o qual é feito exclusivamente para ele.

Quando indagados se possuíam recursos / Ferramentas digitais para fazer suas aulas *online*, o professor 1 respondeu que sim, embora fosse necessário buscar mais informações. O professor 2 e 7 responderam também que sim, mas por meios próprios. O professor 3 respondeu que utilizou seu aparelho celular. Os professores 4 e 5 responderam que sim. O professor 6 respondeu que sim, utilizando recursos próprios, como a própria internet. E o professor 8 relatou que precisou comprar um celular com uma capacidade maior.

E, devido a esses fatores, deveria haver investimentos em políticas públicas com a intencionalidade de ofertar tablets/computadores e internet gratuita para que todos os alunos pudessem acompanhar as aulas e não serem prejudicados, pois fomentar a educação é dever dos governantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que, devido a pandemia, todas as escolas fecharam e surgiu a inquietação de pesquisar como ficou a transição das aulas presenciais para *online* e, ainda havia uma dúvida de como seria a dinâmica dos alunos das escolas públicas, visto que muitos deles não têm acesso à rede de internet e aos instrumentos digitais.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral identificar estratégias de interação entre professores e alunos e constatou-se que objetivo geral foi atendido, pois através de entrevistas, foi possível notar que a estratégia criada foi postar

aulas/trabalhos/atividades no Facebook, a fim de não deixar desamparados os estudantes, já que o contato direto entre docentes e discentes não seria possível por causa do vírus da Covid-19, que estava se espalhando muito rápido e, naquele momento, preservar a vida de todos foi a melhor escolha a ser feita.

E, com isso, o objetivo específico inicial era descrever a vivência escolar nesse período o que também foi atendido, uma vez que, por meio de entrevistas, os pais/responsáveis responderam que os alunos foram afetados no aprendizado, também pela pandemia e, matérias como Português e Matemática e o acesso à rede de internet e as ferramentas digitais, foram dificuldades de maior relevância e, por consequência, muitos alunos não conseguiram manter a rotina escolar em casa.

O segundo objetivo específico foi mapear as dificuldades encontradas por alunos e professores e, o que foi percebido pelos professores, é que a falta de interação gerou uma distância que não poderia haver naquele momento. Como saber se o aluno aprendeu o conteúdo, se está com alguma dificuldade, ou mesmo se precisa de algum auxílio, se não tem um retorno. E quanto aos alunos, muitos sentiram dificuldades nas matérias de Português e Matemática. Essa ligação é de extrema importância, porque ambos constroem uma relação de afeto e confiança e, através disso, que ajuda na construção do conhecimento.

Já o terceiro objetivo específico foi identificar estratégias para a superação das dificuldades encontradas e entende-se que a estratégia foi a rede de internet que foi a “ponte” entre alunos e professores por causa do distanciamento social, entretanto, a estratégia não conseguiu alcançar todos os alunos e a pesquisa conseguiu verificar isso. Então, pode-se concluir que, tanto o acesso à rede de internet quanto os instrumentos digitais ainda não estão ao alcance de todos os alunos das escolas públicas e os quais precisavam usar para ter o básico: a educação.

Tendo em vista que a pesquisa conseguiu alcançar a hipótese desejada, fica uma outra questão, o desejo de continuar com os estudos para acompanhar os alunos das escolas públicas para pensar em estratégias, as quais não deixem em defasagem de aprendizagem esses discentes e, com isso, possam recuperar o tempo de estudos que lhes foi negado através da não implementação de políticas públicas mais eficientes para esses alunos.

REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

JANONE, Lucas. Pesquisa : 93% das escolas públicas sofreram com a falta de tecnologia na pandemia. Disponível em : <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-93-das-escolas-publicas-sofreram-com-falta-de-tecnologia-na-pandemia/> , Acesso em 18 outubro de 2022.

PALANGANA , Isilda Campaner ; Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski, A relevância do social -6° ed. – São Paulo: Summus, 2015.

VILAS-BOAS, Magda ; BUZONI, Douglas ; CARNEIRO , Cláudia. Educação na pandemia , perspectivas sobre a realidade brasileira , Curitiba: CRV,2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil , Brasília, 1998.